

Centro Ruth Cardoso

Ciclo Juventudes
Comitê Sociabilidades
Constituição de coletivos de jovens – Reunião 3

A partir de um processo de redesenho de seus propósitos e linhas de ação, o Centro Ruth Cardoso (CRC), abarcado pela Fundação Fernando Henrique Cardoso, passa a investir na consolidação de seu papel como um polo de geração e disseminação de conhecimento. Para tal, o CRC reuniu pessoas atuantes na academia, em movimentos sociais e nas diferentes linguagens artísticas para pensar temas contemporâneos, produzindo materiais que sistematizem e compartilhem as análises e reflexões geradas nesses encontros. A temática a ser explorada no primeiro ciclo é Juventudes, dividida em três vertentes: atuação política, construção de identidade e sociabilidades.

*Este documento registra e organiza o conteúdo principal do debate **Constituição de coletivos de jovens – parte 3**, realizado em 14 de outubro de 2021, no âmbito do Comitê Sociabilidades.*

Pessoas que pesquisam o tema interessadas em ter acesso ao registro audiovisual completo do debate podem entrar em contato pelo e-mail: crc@centroruthcardoso.org.br.

CONVIDADOS

- **ANANDA GIULIANI:** é artista plástica e ativista. Integra diferentes coletivos, como casadalapa, voltado à ocupação do espaço público, e Birico, que reúne artistas para fazer intervenções culturais e viabilizar ações na região da Cracolândia, em São Paulo (SP);
- **CAUÊ MAIA:** é poeta, artista plástico e pesquisador. É um dos criadores do coletivo Transverso, dedicado à intervenção poética no espaço público a partir de técnicas de arte urbana. Integra também os coletivos Birico e casadalapa;
- **BAIXO RIBEIRO** (mediação): é fundador do Choque Cultural, centro de pesquisa e inovação nas artes visuais que promove movimentos artísticos periféricos e a inclusão de novos públicos no circuito da arte contemporânea. Em 2011, fundou o Instituto Choque Cultural, dedicado à pesquisa e ao desenvolvimento de novas metodologias educativas por meio da arte. É membro do Conselho Consultivo do CRC.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

- O que une um conjunto de pessoas em torno de um coletivo?

- Como os coletivos trazem os jovens para a atuação política e o engajamento comunitário? Quais temas motivam essa aproximação?
- De que forma a articulação dos jovens em coletivos reflete, interfere e se expressa em um determinado território?
- Como é a governança dos coletivos? De que modo se dão os processos de tomada de decisão?
- Há a constituição de redes e conexões entre os diferentes coletivos?
- Como se dá a relação dos coletivos com outras instituições, como organizações não governamentais (ONGs), equipamentos culturais e órgãos públicos?
- Os coletivos valorizam e fazem política partidária?
- Qual é o horizonte político dos coletivos? Há um objetivo mais abrangente e estruturante no longo prazo ou o foco das ações é imediato e emergencial?
- Quando começam a ser estabelecidas parcerias com instituições financiadoras, como os coletivos lidam com processos de contratação, prestação de contas e demais burocracias sem que isso engesse a liberdade e a fluidez que costumam caracterizar esses grupos?
- Muitos coletivos atuam na linha de frente em territórios sensíveis e complexos, caso da Cracolândia, em São Paulo. Como transcorre o “corpo a corpo” com os diferentes atores presentes nesses territórios? Qual tem sido o reflexo positivo do trabalho dos coletivos e de que modo isso pode ser potencializado?

DEBATE

COLETIVOS: MODOS DE FAZER

- Coletivos são diversos em formatos, objetivos e naturezas. No entanto, em termos gerais:
 - Buscam soluções que tenham impacto positivo para todo um grupo ou território;
 - Atuam em estruturas organizacionais mais fluidas, horizontais, pautadas no aprendizado coletivo e no compartilhamento de competências;
 - Propõem uma vivência prática da democracia – o que traz consigo potências e tensões.

“A plotter veio parar no Birico porque o Zito, um companheiro nosso, estava fazendo uma empena junto com o Instituto Paulo Freire. E no que ele recebeu uma verba para imprimir o trabalho dele para colar no prédio, em vez de mandar imprimir numa gráfica, ele resolveu comprar a impressora para que tanto a gente quanto outros parceiros pudessem imprimir [seus trabalhos] com outro custo, e também num lugar de capacitar pessoas do território

para operar aquela máquina e, quem sabe, operar a gráfica [do Birico].” – ANANDA GIULIANI

“Nós vamos nos organizando a partir das potências e experiências. Se eu faço parte do coletivo e tenho experiência com finanças, eu vou me encarregar disso, e isso vai ser deliberado, não exatamente em uma votação. Os assuntos são trazidos para o coletivo, quem ergue a mão começa a discutir e, se alguém tem mais experiência ou mais disponibilidade para tal assunto, a gente vai se dividindo assim. Habilidades, mas principalmente disponibilidade, porque não é um problema não saber de planilhas e finanças – se eu estou a fim de me encarregar disso, eu tenho espaço para me desenvolver nesse lugar. É mais sobre disponibilidade do que exatamente sobre competência ou habilidade prévia. A gente não tem problema em trocar de bastão, trocar de lugar, trocar de competências.” – ANANDA GIULIANI

“Uma coisa interessante do trabalho com coletivos é que é um tipo de experiência democrática, um tipo de experiência prática de tomada de decisão coletiva, de produção criativa compartilhada. Isso cria tensões, cria problemas e cria resultados que são diferentes do que você faria individualmente. Daí vem todo um aprendizado de lidar com os desejos, os anseios, os conflitos próprios e alheios, e lidar também com esses resultados diferentes.” – CAUÊ MAIA

- Três experiências de coletivos artísticos:

- Birico: rede de 40 artistas e coletivos que têm ligação com a Cracolândia, seja enquanto moradores, seja por atuarem no território em projetos próprios ou em políticas públicas como o programa De Braços Abertos (instituído na gestão do ex-prefeito Fernando Haddad e interrompido na administração seguinte, de João Doria). Diante das urgências colocadas pela pandemia de COVID-19, o coletivo se articulou visando gerar renda aos artistas e fomentar ações no território. Para tal, obras dos artistas são colocadas à venda e o valor arrecadado é dividido da seguinte forma: 50% é distribuído de maneira igual entre todos os artistas que disponibilizaram trabalhos; e 50% financia iniciativas na Cracolândia, entre elas Housing First (que paga moradia para pessoas até então em situação de rua) e Biricar (um carrinho de pipoca adaptado que leva poesia e outras linguagens artísticas para as ruas). O coletivo mantém uma gráfica no Teatro de Contêiner Mungunzá, possui parcerias com o Museu da Língua Portuguesa, para o qual realiza ações de mobilização dos transeuntes na calçada do museu, e com o Sesc Bom Retiro, onde foi feita uma exposição sobre o trabalho do grupo;
- casadalapa: ocupando uma casa em São Paulo (SP) que serve de coabitacão para diferentes artistas, o coletivo se dedica à intervenção urbana, especialmente em territórios de vulnerabilidade social. Um dos projetos é o ateliê itinerante Casa Rodante, realizado em parceria com a Coordenação de Promoção do Direito à Cidade, extinta na gestão do ex-prefeito João Doria;

- Transverso: com sedes em Brasília (DF) e São Paulo (SP), desde 2011 o coletivo trabalha com intervenção poética no espaço público a partir de técnicas de arte urbana, tais como lambe-lambe, estêncil, projeção, instalação de monumentos, jardinagem de guerrilha e performance.

“Eramos vários artistas com trabalhos suspensos, em uma situação pandêmica de não saber o que ia acontecer. Como a gente gera renda, como a gente se mobiliza para se manter de pé e como a gente consegue aliar isso a uma multiplicação, uma atuação no território onde estamos inseridos? E aí, um artista conhece outro artista, que convida outro, e esse convite veio a partir do território, com pessoas que se relacionaram com a Cracolândia, seja trabalhando, seja morando. Apareceu um conjunto bastante plural de artistas, inclusive de usuários [de crack]. Eu sou moradora do território. Estou a 18 andares do chão, mas eu existo naquele espaço, compartilho daquilo, sou vizinha. E isso é um motor de me fazer olhar para o entorno. Eu não tenho como existir numa bolha. O Birico vai nesse sentido: não somos uma bolha. Como a gente penetra outros lugares?” – ANANDA GIULIANI

- Estratégias diversas de mobilização adotadas pelos coletivos artísticos:

- “Tecnologia do encontro”: impacto direto da intervenção poética na população que ocupa ou circula por um determinado espaço público;
- Realização de oficinas artísticas em equipamentos de cultura para pessoas de todas as idades. Exemplos: criação literária, técnicas de estêncil, produção de lambe-lambe;
- Redes sociais: forma quase imediata de difundir e ampliar o alcance das intervenções urbanas, sobretudo as efêmeras.

“Tem uma primeira forma de mobilização que está no conteúdo das frases, como 'Atenção: isso pode ser um poema' e 'Pense nos porquês'. Uma poesia urbana mobiliza quem lê e se toca por ela, e isso fala com um público jovem que muitas vezes procura um meio de expressão, um meio de se colocar no mundo, e ainda não tem os caminhos.” – CAUÊ MAIA

“De maneira geral, as ações que a gente faz procuram engajar as pessoas numa resposta presencial imediata. Então, por exemplo, a gente projetava um filme [em um espaço público]. As pessoas paravam para ver o filme. Com isso, elas conversavam. Com isso, a gente distribuía água, distribuía insumos. Opera numa chave de redução de danos para as pessoas que são usuárias [de crack] e opera num lugar de promoção do direito à cultura para quem não está numa situação de uso [de drogas], mas que está passando pela rua.” – CAUÊ MAIA

- As experiências compartilhadas ensinam que:
 - É fundamental manter uma escuta ativa em relação às demandas e necessidades do território (entendido em seus diferentes recortes e heterogeneidade de atores) para desenhar as ações a partir disso;
 - O trabalho realizado pelos coletivos artísticos é de difícil mensuração, pois muito do seu impacto diz respeito a oferecer experiências e, com isso, apresentar novas possibilidades de futuro a populações vulneráveis.

"Se a pessoa está precisando de casa, não é escrever um poema ou aprender a fazer estêncil que vai resolver o problema dela. A gente não tem a ilusão de que a pessoa vai virar arte-educadora porque um dia fez uma experiência dessas. Mas se ela não fizer uma experiência dessas, com certeza não vai virar [arte-educadora]. Se ela nunca vivesse isso, nunca teria a oportunidade de saber que isso é possível. Tem algo de ingênuo [no trabalho do coletivo], mas é uma ingenuidade calculada, é um otimismo militante programático. Você é politicamente otimista de fazer algo que pode não resultar em nada, mas que se resultar em alguma coisa já é muito. Porque a gente está lidando com pessoas, e as pessoas têm direitos; se por conta disso ela vislumbra uma oportunidade de futuro diferente, isso já é bastante significativo para ela." – CAUÊ MAIA

"Eu comento com os convidados [o entendimento de] que qualquer experiência pode tocar o outro e, ao tocar o outro, também pode mudar rumos de vida, destinos. Isso é interessante." – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

"INSTITUCIONALIZAÇÃO FORÇADA": OS COLETIVOS E AS DEMAIS INSTITUIÇÕES

- Capacidade de articulação dos coletivos como uma de suas grandes forças:
 - Além de mobilizarem as redes pessoais de seus integrantes, os coletivos atuam como um ponto de convergência entre diferentes atores que incidem ou desejam incidir no território (poder público, instituições culturais, ONGs etc.);
 - "Microrrelações": importância da construção de redes pelos coletivos para viabilizar as iniciativas planejadas, seja em termos financeiros, seja para ampliar seu impacto.

"Na distribuição de marmita [para a população em situação de rua na Cracolândia durante a pandemia de COVID-19] outras necessidades apareceram, e a gente entendeu que conseguíamos mobilizar algumas coisas, por mais que pontuais ou emergenciais. A gente conseguia construir coisas em grupo que individualmente não poderíamos." – ANANDA GIULIANI

"Nosso sonho é a constituição de uma escola livre de artes gráficas e outras artes. Só que para ter essa perna existe a demanda por uma renda mensal. A gente quer oferecer residências culturais para moradores e artistas que estão em situação de rua, formar essas

pessoas, capacitar quem tem interesse em se tornar arte-educador, fazer a ponte com as instituições para que incorporem essas pessoas. A exposição do Birico no Sesc Bom Retiro está servindo como uma espécie de ensaio disso, porque no Educativo do Sesc, que geralmente é [formado por] pessoas de classe média, hoje há mulheres trans e cis do território que são do Coletivo Tem Sentimento.” – CAUÊ MAIA

- Os coletivos, o poder público e a política institucional:
 - Quando se dedicam a uma atuação territorializada, coletivos – dentro das limitações inerentes à sua estrutura – acabam por preencher um espaço deixado pelo Estado;
 - “Um agente de saúde que chega de jaleco para conversar com alguém em situação de rua tem uma condição hierárquica só pela maneira de se vestir”: ao estabelecerem um diálogo mais horizontal com a população, coletivos conseguem quebrar barreiras enfrentadas por agentes do Estado em sua relação com o território;
 - No que se refere aos partidos políticos, ainda que certas visões de mundo articuladas pelos coletivos gerem convergências com determinadas siglas, os grupos costumam atuar de forma independente a filiações partidárias.

“Colocar no Birico a expectativa de que ele resolva algum problema da Cracolândia seria injusto com todos nós, porque o Estado brasileiro precisa estar presente ali, garantindo direitos que o Birico não tem pernas para garantir.” – CAUÊ MAIA

“A Cracolândia traz várias necessidades, tem vários buracos que vão aumentando ou sendo menos percebidos de acordo com a gestão, e a gente anda numa gestão em que os buracos me parecem bastante expostos. E a nossa presença lá consegue minimamente agir sobre aquele território, seja numa discussão política com vereadores e pessoas eleitas, seja via essas micropolíticas que, na minha opinião, o Biricar faz, que é existir naquele espaço e insistir em falar com uma população que a instituição por vezes deixou de lado.”
– ANANDA GIULIANI

“Enquanto coletivo, a gente não tem nenhuma posição ou desejo declarado de qualquer filiação [partidária]. No fim das contas, sim, várias opiniões políticas convergem, mas quando a gente tece relações com vereadores não é exatamente pelo partido, e sim pela presença no território. As nossas relações se dão pela presença, ou seja, quem está atuando ali, quais são as possibilidades, capacidades, experiências daquele grupo, pessoa, instituição. Nós, enquanto grupo, identificamos pontos que gostaríamos de trabalhar e que temos potência para isso, e a gente vai esticando os braços para quem está no território, quem tem outras ferramentas para expandir. Mas, enquanto horizonte político-partidário, não estamos nesse pé, não. Nós estamos olhando mais para o imediato, para o entorno, para o que está acontecendo, e os meios a gente vai construindo.” – ANANDA GIULIANI

"Existem muitas posições políticas partidárias ou apartidárias dentro do coletivo, e não é nossa prioridade estabelecer um posicionamento do tipo: 'O Birico apoia tal candidato e tal partido'. Há um alinhamento ou não com determinadas visões que nos aproxima ou nos distancia de certos grupos, pessoas, partidos. Mas a gente não se coloca nem procura encontrar um posicionamento, porque esse não é o nosso objetivo. Nossa objetivo é atuar no território, é descobrir meios de economia solidária, de auxílio emergencial para os artistas. Quando tem uma instituição, desde que não seja algo que fira completamente os objetivos do coletivo, a gente debate internamente sobre o interesse ou não [de estabelecer uma parceria], quais são as vantagens, os custos, os gastos e os riscos envolvidos, porque sempre que você se associa a determinada instituição, você corre um risco também." – CAUÊ MAIA

- “Dificuldades, problemas, aprendizados”: relações entre coletivos e instituições parceiras são marcadas por desafios e contradições:
 - “Arte como um meio para o encontro com o outro”: de um lado, as práticas, técnicas e experiências de mediação desenvolvidas pelos coletivos são reconhecidas como capazes de trazer valor e benefício para as instituições em sua interlocução com o território;
 - “Ruídos na autonomia do grupo”: de outro lado, parcerias com instituições estruturadas de modo hierárquico e segmentado colocam em xeque os processos horizontais de tomada de decisão dos coletivos, por vezes obrigando-os a se moldarem às burocracias institucionais e mesmo a se formalizarem em associações ou outras pessoas jurídicas;
 - Exceções: há coletivos que já de início partem de formatos mais institucionalizados, caso do coletivo BijaRi.

“A gente estava acostumado a uma fluidez e a uma autogestão que, para nós, eram legais, mas que várias vezes esbarravam em coisas como impostos, prestação de contas e que já tinham acendido um alerta. Mas o que mais pegou foi termos que lidar com instituições que são bastante hierarquizadas, [onde] cada um tem sua função, então você conversa com um, que precisa passar para outro, para outro, para outro, e a conversa vai voltando no degrau também. E nós, enquanto grupo, nos vimos segmentados de algum jeito. A gente precisou abrir frentes de atuação, então uma parte do coletivo virou curador, outra parte virou montador, uma terceira virou projeto gráfico, e como a instituição se comunicava com os grupos, e não com o grupo [inteiro], nós nos vimos muito fragilizados.” – ANANDA GIULIANI

“Eu estava construindo uma relação com um centro cultural para fazer um mural. Fora todas as certidões, CNPJ e tal, eles colocam lá: tem que ter um líder do grupo. E esse líder não pode ser o produtor do grupo. [Só que] o grupo não existe. É um grupo de pessoas [que se reuniram] para fazer aquele mural, naquele momento. Não é exatamente esse ou aquele coletivo. Então, muitas vezes a instituição não entende qual é a lógica de um grupo como o Birico, ou o Transverso, ou a casadalapa, que não tem um líder. Não tem uma

pessoa que vai ser a presidente da associação. E às vezes você tem que se enquadrar, mesmo que de maneira fictícia. [Tem que] preencher no formulário que tal pessoa é o líder, tira na moedinha para ver quem vai botar o CPF lá. É uma luta, uma dificuldade.” – CAUÊ MAIA

- Ponto de reflexão: como estabelecer formatos de apoio aos coletivos que respeitem e potencializem sua forma de incidir no mundo, pautada em princípios organizacionais próprios?

“Uma coisa fundamental que Paulo Freire falava é sobre a nossa inexperiência para a democracia e como é importante que a gente tenha esse tipo de estudo, de ensino, de compartilhar aprendizados em democracia. E isso se faz na prática. Porque uma das definições da democracia é o reconhecimento da legitimidade do conflito e do dissenso. Então, a democracia é aquele regime em que você não elimina, não destrói quem pensa diferente de você. Isso não significa que tudo vai ser sempre decidido por consenso, mas sim que existem meios que precisam ser aprimorados e trabalhados para a gente não se matar e conseguir produzir juntos um resultado melhor.” – CAUÊ MAIA

REFERÊNCIAS & MATERIAIS DE INTERESSE

- Birico, coletivo de artistas de diversas linguagens dedicado ao fortalecimento de projetos na Cracolândia: <https://bit.ly/3qZxjHo>
- casadalapa, coletivo de artistas que realiza ocupações multiplataformas em espaços públicos e territórios compartilhados: <https://bit.ly/3tWBuW5>
- Centro de Convivência É de Lei, organização da sociedade civil que atua na promoção da redução de riscos e danos associados à política de drogas: <https://bit.ly/3FRZWdC>
- Coletivo BijaRi, grupo multidisciplinar dedicado à arte, ao design e à criação multiplataforma: <https://bit.ly/3tdqAsY>
- Coletivo Tem Sentimento, focado na geração de renda para mulheres cis e trans por meio da produção têxtil: <https://bit.ly/3qVFnZn>
- Coletivo Transverso, dedicado à poesia e à arte urbana: <https://bit.ly/3rM4n4P>
- Instituto Paulo Freire, organização da sociedade civil focada em dar continuidade ao legado do educador: <https://bit.ly/35AsYIA>
- Teatro de Contêiner Mungunzá, espaço cultural e social que abriga a Cia. Mungunzá de Teatro, coletivos como Birico e Tem Sentimento: <https://bit.ly/3rMcD4P>